

Introdução

1.1. O Congado do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

Na barrigada da miséria, já nasci brasileiro.
Chico Buarque

A epígrafe contextualiza de forma ampla o debate sobre o congado, pois é representativa para abrir a discussão sobre as relações de poder e sobre o estigma de se nascer em um determinado local, em um dado lugar social e, no caso deste trabalho, de ser marcado pelo exercício de determinadas práticas culturais.

A partir de uma observação rápida, o congado é entendido como uma manifestação de cultura popular associada diretamente aos brasileiros afro-descendentes, que em geral são econômica e socialmente desfavorecidos. Mesmo que o lugar da miséria não tenha fronteiras cercadas por arames farpados, o olhar da sociedade o circunda, relegando-o a um espaço desqualificado a partir de um preconceito criado, entre outros fatores, pela própria história da escravidão no Brasil. Na contramão dessa aproximação excludente, o estudo sobre o congado, sua identidade e suas intervenções sociais pretende reler esse enquadramento social.

A história da população afro-descendente na região do sudoeste de Minas Gerais explicita uma identidade constituída por meio de diversas referências africanas étnicas e culturais. E ao ser contada através da memória de algumas famílias de congadeiros e da documentação sobre os reis Congo e Irmandades do Rosário, apresenta os projetos de vida desse povo e mostra sua negociação com o poder oficial da província de Minas Gerais e, conseqüentemente, do Império do Brasil no século XIX. A possibilidade de ver no congado a expressão de um posicionamento coletivo, cultural e crítico em relação às imposições eurocêntricas é que fez emergir a problemática do estudo aqui proposto.

A construção do lugar político da sociedade congadeira, observada a partir dos que participam do congado, não é o da miséria, pois sua participação na sociedade mais ampla se dá através de instrumentos políticos que asseguram sua cultura. No entanto, quando falam e agem, na maioria das vezes, são vistos pelos que estão de fora do congado como se estivessem falando de um lugar pobre de práticas políticas. Essa

leitura sobre a cultura popular está impregnada de uma interpretação que a marginaliza em relação às culturas eruditas, e que procura manter os agentes populares como reprodutores de um passado intacto em função de uma falta de integração e participação nas instâncias públicas.

Quando os congadeiros afirmam simbolicamente os valores estabelecidos pela coletividade negra, expressam seus desejos, sua maneira de interpretar a vida e criam estratégias de ação política. Uma, mais subjetiva, trata da força de construção de uma identidade africana, para além das diferenças étnicas existentes; e outra, mais objetiva, diz respeito ao papel político das Irmandades do Rosário, associações de homens de cor, junto à província e à Igreja Católica. Mesmo que a discriminação sócio-racial faça distinção entre os valores culturais dos negros e os dos brancos – inferiorizando os primeiros –, o congadeiro não disfarça suas raízes culturais. Pelo contrário, as afirma e abre espaço para sua exposição, seja hoje ou no período da escravidão.

Para o estudo dessa manifestação cultural no século XIX é fundamental que se aceite a cultura como um meio de reprodução da consciência política. Para Paul Gilroy, músico e também historiador da cultura, *a música se torna vital no momento em que a indeterminação polifônica, lingüística e semântica surge em meio à prolongada batalha entre senhores e escravos*¹. Tal perspectiva abre a possibilidade de interrogações sobre a relação da prática cultural dos congadeiros e a sociedade mais ampla onde estão inseridos, bem como com as diversas instâncias de poder presentes nesta sociedade.

Nestor Canclini, defensor do conceito de hibridismo para a construção das culturas americanas, propõe entender as práticas populares como teatralização e assegura que essa visão só é possível se estas forem compreendidas dentro do universo do drama, onde as relações são primordiais. Para ele, o contrário seria transformar os sujeitos sociais em personagens épicos². Nesta perspectiva, entender a festa religiosa do congado como uma manifestação que não representa as relações sociais é inseri-la numa pintura primitiva. A comunidade de congadeiros vive e está integrada no cotidiano da sociedade, e não povoa o lugar da tradição cristalizada no mito. Na verdade, entender o drama expresso nessa teatralização é pensar nos significados sociais que essa manifestação cultural e a cultura que nela se expressa carregam, como a memória e as experiências sociais. Nesse contexto, estão representadas e se fazem representar através

¹ GILROY, Paul. Música Negra e a política da autenticidade. O Atlântico Negro. In: Idem. **Modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.p.160.

² CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. Ensinos Latinos Americanos 1. São Paulo: EDUSP, 2000.p.280.

da festa, a tradição, que encontra uma de suas bases nos mitos dos santos negros.

As heranças sociais e políticas marcadas nas memórias dos africanos e descendentes são expressões de um projeto social que configuram o enredo do drama narrado pela festa do congado. As memórias individuais expressam a experiência coletiva e criam uma maneira de narrá-la. No caso do congado, dois mitos representam oralmente a narrativa da história da diáspora e das conquistas dos centro-africanos: o de Nossa Senhora do Rosário e o de São Benedito. Nesse caso, a memória individual se torna socialmente relevante, inclusive para a perpetuação da narrativa, o que implica na confirmação de que todo mito é uma história legitimada pelo indivíduo no âmbito de um coletivo, no caso, popular.

O mito

A aparição de Nossa Senhora é assim narrada pelo congadeiro:

“Os nego do tempo antigo andava descalça, aqueles neguinho tudo lascado, sem camisa, calça de algodão, amarrado com cipó, imbirá, não tinha currião, olha os currião ai. Aí foi buscá lenha, foi bebê água numa gruta, você sabe o que é gruta, né? Chegô lá, a Nossa Senhora apareceu pros neguinho lá, ai caindo aguinha lá, eles olhava e ela abria o semblante pra eles. Os neguinho ficou horas lá e ficando encantando, não soube fala o que era preciso. Nós não vamo leva lenha não. Chegô lá, falou: - tem uma mulhé lá na gruta, ela mexe, ela ri, ela faz semblante alegre. Ah! Menino cê tá ficando doido. Não! Vamo lá pro cê vê. Ai já reuniu aquele povão pra i lá vê. Oh, vai lá na casa de fulano pra nós i lá vê. Mas se cês tivé mentindo cês vão cai no rabo de tatu. Rabo de tatu é uma coisinha trançadinha quando bate nas pessoa faz um rasgo. Chego lá, era Nossa Senhora, os velhão tinha que sabê que era uma coisa muito sagrada. Nossa! É a Nossa Senhora do Rosário. Ai já começaram, como é que nós faz. Vamo canta pra ela. Vamo reza primeiro. Pai nosso que estais no Céu,... E cada vez que falava ela ficava mais bonita. É a Nossa Senhora mãe de Jesus mesmo. E agora para nós tirá ela daí. E aí cantaram: - “Nossa Senhora vamos si embora, vamo com Deus e a Nossa Senhora, ora vamo si embora, vamo si embora, vamo com Deus e Nossa Senhora.” (risada) Lá vai, e ela veio saindo, depois ela voltou pra trás. Aí veio o Marinheiro, é o segundo colocado atrás, Marinheiro é o povo do mar. E agora. Nós tem que arrumá. Como é que nós inventa um verso pra canta pra ela. Um velhão lá falou: - ‘Eu vou bola aqui’ e cantou: ‘Viva os peixinhos do mar, viva os peixinho do mar, Nossa Senhora mandou te remar’. (risadas)”³

³ MIGUEL, Geraldo Charqueada. Entrevista CTBC concedida a Larissa Oliveira e Gabarra. Uberlândia/MG, 8/12/2000.

E a história de São Benedito é assim descrita:

“... era escravo, era cozinheiro, naquele tempo roubava dos patrão pra dá pros pobres. Entendi? Roubava do patrão pra dá pros pobres, ele era cozinheiro dos padres. Aquele pessoal faminto, assim, ficava, assim, na porta, assim, pedindo comida, e eles não dava. Ai à noite ele invinha roubava pra dá pros pobres. Ai um dia desses descobriram que ele tava fazendo isso e pegou e sacrificou ele. Morreu queimado, mataram ele queimado porque ele fazia doação pros pobre. Pegou e matou ele queimado. Ai os pobre começou a vigiar ele também, São Benedito, sabe, que ele é um santo milagroso, milagroso e justiceiro.”⁴

Os mitos explicam que, através dos milagres dos santos negros, os negros foram capazes de se alimentar imaterial e materialmente e de conquistar espaços de expressão da sua linguagem na sociedade mais ampla.

Nossa Senhora do Rosário foi encontrada pelos congos que pediram ajuda para os moçambiques, que com auxílio dos marinheiros trouxeram-na para perto deles e, juntos, construíram uma capela simples, de onde ela nunca saiu. Mesmo com a eventual participação dos brancos, o Rosário de Maria cantado ao toque do tambor é uma conquista do negro, algo que não pertence ao branco. Para além da própria relação com seus senhores, que também está presente no enredo, essa narração explica uma situação política pouco precisa, mas marcada por diferentes categorias culturais próprias dos afro-descendentes. Cada grupo tem uma referência cultural forte, um dialeto lingüístico diferente e símbolos identitários específicos, referendados por tradições variadas. Portanto, cada terno⁵ tem uma organização funcional interna, e também política, que estabelece as regras de relacionamento entre si. Esse é um dos motivos pelos quais cada um dos ternos constitui-se em um povo, mas sem um domínio territorial físico, um território simbólico que lhes garanta uma forma de governo cívico; contudo, está unido por questões passadas, ligações ancestrais, memórias comuns. Por isso, se constituem em agrupamentos análogos a uma nação do tipo orgânica, tal como proposta por Anthony Smith⁶.

Nesse sentido, o título da tese, Reinado do Congo no Império do Brasil, explicita a unidade, tal como ela é reconhecida pela comunidade e registrada nos documentos das

⁴ Idem. Entrevista Almoço no quartel do Moçambique Pena Branca concedida a Fabíola Benfica Marra. Uberlândia/MG, 2002.

⁵ Terno, guarda, rancho são as diferentes formas pelas quais se denominam as várias unidades grupais de vassalagem dos reis do Congo no Brasil.

⁶ Cf. SMITH, Anthony. **The nation in History**. Hanover : University Press of New England, 2000.

Irmandades do Rosário, do reinado do Congo; ainda que inventada pela interseção das diversas tradições, moçambiques, congos, catupés, marujos, marinheiros, vilões. Reino do Congo, pois, é uma unidade uma diversidade africana possível de existir naquele Brasil imperial; que, além de apontar um coletivo popular singular nesse contexto, marca características específicas de vários grupos, baseadas em identidades ancestrais, que por isso são compreendidas como nações do reinado do Congo no Império do Brasil.

Para Mariza de Carvalho Soares, historiadora das Irmandades dos negros no século XVII e etnias africanas, as nações africanas no Brasil *são categorias identitárias que operam fazendo uso das configurações étnicas, mas não são, elas mesmas, grupos étnicos*⁷. Na verdade, quando se pensa nas diferentes tradições que constituem o congado, os costumes e os comportamentos de cada grupo, estão longe de serem distinções étnicas. No entanto, essas mesmas marcas os qualificam diferentemente e os circunscrevem em territórios culturais⁸ diversificados, por isso podem ser tratadas como nações análogas às nações primitivas europeias. Essas nações, constituídas nas circunstâncias dos quatro séculos de tráfico negreiro, que uniram e separam culturas semelhantes, recriaram outras, seja no novo mundo, no velho mundo ou na África.

Um dos resultados mais visíveis da narrativa do mito é a hierarquia entre os ternos durante a procissão na festa. Ela se dá, no caso dos congados de Uberlândia, a partir da proximidade com os reis e rainhas na seguinte ordem: moçambiques, catupés, congos, marujos e marinheiros; em outras cidades da região ainda se encontram os caboclinhos depois dos catupés, e os vilões por último.

Enquanto a Santa é encantada pelo som do tambor, o *véio* Benedito é o protetor dos pobres que precisavam se alimentar, sobreviver não só espiritualmente, mas também materialmente. O São Benedito representa a fé na justiça e no milagre do pão, mas também o escravo que obedece, ao mesmo tempo, que ludibria seu senhor. Ao nutrir os famintos sem consentimento do senhor, a finalidade do ato redime a desobediência. A caridade como sentimento nobre eleva sua fé junto a Cristo; assim, sua malandragem torna-se estratégia de luta expressa e legitimada pela própria Igreja. O mito do preto-*véio* Benedito também faz analogias com o dia-a-dia do congadeiro

⁷ SOARES, Mariza de Carvalho. A “nação” que se tem e a “terra” de onde se vem: categorias de inserção social de africanos no Império português, século XVIII. In: **Estudos Afro-Asiáticos**. Rio de Janeiro: Editora Universidade Cândido Mendes Ano 26, nº. 2, 2004. p. 308.

⁸ Cf. BARTH, Fredrick. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2000.

escravo e a espiritualidade africana, representada no ancestral preto-veíio.

Essas analogias são memórias vividas hoje, através das negociações para a ocupação dos espaços públicos, como as praças e as igrejas e para subvenção financeira da festa. Essas relações financeiras e políticas entre escravos e senhores antes do dia 13 de maio de 1888 não eram alegorias da memória. Pelo contrário, existiam e foram exercidas na luta por representação social dos escravos e ex-escravos nas instâncias governamentais, através das Irmandades do Rosário.

Segundo alguns cientistas sociais que estudam o tema da nação, o mito fundador, entre outros elementos, é essencial para a constituição da unidade e para a criação de um passado comum. Passível de transformações quando recontados, os mitos dão ao historiador pistas importantes dos valores que estavam em jogo no tempo passado e que, por isso, fizeram, no presente então vivido, a festa tal qual é encontrada no século XXI.

Mesmo que os fatos, nesse contexto, não tenham uma cronologia exata e uma ordenação complexa, a forma simplificada de atualização dessa história carrega, no cotidiano dos congadeiros, importantes significados políticos. Os mitos são também uma forma de contar a História e alguns autores chegam a afirmar que não existe nenhuma História que, ao ganhar autonomia, por meio das falas dos sujeitos históricos, não ganhe uma versão mitológica⁹.

Dessa forma, o mito de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito legitima a história do congado, ao manter a prática contígua à tradição. O contar e o recontar da narrativa direcionam o presente sem tornarem-na estática, pois mobilizam sentimentos. Sua mobilidade narrativa está no futuro que a narração é capaz de projetar no momento em que está sendo pronunciada. É como um filme em que os personagens não são pré-determinados, cada ator que entra ou sai de cena faz parte da construção dos fatos tanto do passado como do presente para o futuro, no enredo daquela película.

A festa

É durante a festa popular que ficam mais claros para o pesquisador os anseios e visões de mundo do congadeiro. O espírito festivo tem a capacidade de envolver todos em algo distinto do cotidiano de opressão. E é nesse momento, que a explosão coletiva daquilo que lhes é mais íntimo põe em evidência o choque cultural entre o mundo

⁹ Cf. VANSINA, Jan. *Art History in Africa: An Introduction to Method*. In: **The International Journal of African Historical Studies**, Vol. 18, No. 3. New York: Longman, 1985. pp. 513-517.

ocidental do trabalho idealizado pelo branco e o mundo da essência da existência do negro.

Através da festa e das atitudes que lhe são atribuídas, o congadeiro cria mecanismos de valorização da auto-estima e projeta seus desejos nas negociações com a sociedade civil. Ao reivindicar a utilização das ruas e praças para sua expressão durante as noites de campanha e novena e para a subvenção financeira municipal dos três dias de festa, a Irmandade não deixa de ser um veículo de negociação que permite que o congado e sua preparação se façam presentes em espaços normalmente ocupados por brancos ou não tão brancos, mas de outra extração social.

A relação entre os praticantes, admiradores, devotos e cidadãos alheios à manifestação é intensificada durante as campanhas, que são ensaios que ocorrem durante três meses antes do dia da festa, nos quais os praticantes tocam, rezam o terço na casa de devotos, nos bairros respectivos de cada terno, e fazem leilão de prendas para arrecadar fundos para o dia da festa. Nesse período, a ocupação dos espaços urbanos pelos congadeiros por se dar nos bairros de cada grupo e ganha uma grande visualidade¹⁰.

No segundo dia da festa, os ternos encontram-se na rua principal da cidade, onde formam um cortejo de um quilômetro de comprimento, e se juntam com as outras guardas das cidades vizinhas, que no dia vêm prestigiá-los. Depois, visitam as casas dos devotos que participaram das campanhas, passam na casa do presidente da Irmandade Nossa Senhora do Rosário e visitam a Oficina Cultural da Secretaria Municipal e a Igreja Matriz.

¹⁰ Ver mapas de ocupação dos ternos na cidade em GABARRA, Larissa Oliveira e. **A dança da tradição: Congado de Uberlândia, século XX**. Dissertação de mestrado pelo Instituto de História da UFU. Uberlândia: UFU, 2004.p.40-45.



Figura 01 - Presidente da Irmandade do Rosário fazendo reverência à bandeira do terno Marinheiro de Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário. Uberlândia, 2007. foto: Larissa Oliveira e Gabarra.

A visita principal ocorre na casa da realeza, onde disputam, através dos cantos e repentes, a guarda do rei e rainha Congo. Depois os reis e rainhas acompanham-nos em procissão até a porta da igreja. Em seguida realiza-se a missa, coroa-se Nossa Senhora do Rosário e entregam-se as coroas de reis e rainhas para dois novos casais que assumem a festa do ano seguinte.

A organização da festa, hoje, atualiza a negociação do espaço público com agências de governo local, que autorizam e regulamentam a festa; e da expressão do toque do tambor como fé com a Igreja Católica, que gere o calendário litúrgico, em outros moldes e com outras formas de manifestação, presentes também no século XIX.

Num jogo de perguntas e respostas entre os personagens de um batalhão militar, no qual o capitão do grupo questiona e os soldados e bandeireiras respondem, cada terno executa a sua função no ritual. O comando é distribuído em três ou quatro lideranças. A principal é a do primeiro capitão, também conhecido como Marechal, no início do século XX; e, ainda, há a madrinha responsável pela saúde espiritual e física dos membros ou a dona do terno que escolhe as indumentárias utilizadas. Normalmente de 50 a 200 pessoas, entre jovens, crianças, adultos e idosos, compõem o conjunto. Todos são dançadores; normalmente, os homens, que são os soldados, fazem o ritmo e as mulheres, as bandeireiras, carregam o(s) estandarte(s) e as fitas nele(s) presas. Os cargos e responsabilidades diferentes para cada função assumida pelos integrantes nesse sistema organizacional, têm hierarquias definidas no interior de cada grupo, na relação entre os grupos e entre eles e a sociedade mais ampla. Todas as guardas servem ao rei e

rainha da cidade em que moram; mas cada uma se utiliza de instrumentos específicos, entre eles: caixas, repeliques, maracacãs, gungas e patangongas, tamborins, chocalhos; e de indumentárias próprias: saias, calças, chapéus, turbantes, faixas; de linguagens e de cores. Enfim, diversos jargões e marcas de distinção, que compõem um cenário de elementos ritualísticos para as funções exercidas na manifestação.

A partir da observação dos dias do ritual (campanhas, novenas, festa), outros elementos dessa manifestação cultural começam a ser descortinados: as diferenças simbólicas entre os grupos, a memória reinventada de cada grupo étnico centro africano representada nos ternos, suas funções durante a festa e seus preparativos; e as pendências sociais que a festa traz para o resto do ano. Assim, o contato com a manifestação cultural amplia a visão do historiador que começa a se aprofundar na semântica da tradição.

A tradição

“ A congada ela é... sim, um motivo de festa, antigamente era ‘frevo’, ele tinha uma rainha; todas as aldeias retribuía essa rainha, então de cada aldeia formou uma congada, assim, no significado de louvar essa rainha. Aí, depois disso os negros trazidos para Brasil, viveram no cativeiro então a gente não tinha como se..., como se diz? Não tinha quem reverenciar, a gente veio reverenciar N. S. do Rosário e São Benedito que, na época, era os devotos dos fazendeiros, que era a única imagem permitida ser usada nos quilombos, onde os negros viviam. Então a gente veio reverenciar essa festa, mas partir das décadas, dos anos passados a congada se tornou, assim, folclórico.”¹¹

Entende-se, através da fala de Ubiratã, que o congado significa reverenciar um reino, cuja organização social é baseada na interdependência de clãs africanos na sociedade escravocrata. Ainda, segundo o capitão Ubiratã, esse reinado é católico. Ou seja, o congado é uma forma de representar a convivência das diferentes etnias africanas reunidas pela dependência de um reino, através do louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A dialética entre os valores africanos e católicos cria a tradição que no Brasil transformou-se em *folclore*. Enquanto a prática cultural simboliza essa relação, no cotidiano, os descendentes da rainha compartilham suas responsabilidades com os párocos e a com a comunidade do entorno.

A complexidade da tradição é compreendida pelas múltiplas camadas temporais

¹¹ MATINADA, Ubiratã. Entrevista Campanha do Catupé do Martins, concedida a Larissa Oliveira e Gabarra. Uberlândia/MG, set.2000.

que sintetizam os elementos históricos presentes no cotidiano, ou representados na composição do ritual religioso. As cores da festa, das relíquias, das indumentárias e dos instrumentos podem ser interpretadas metaforicamente como inferências de várias manifestações culturais, de formações organizacionais, experiências políticas de tempos diferentes articulados em um só tempo. Por isso, o cotidiano desses praticantes não se limita às preparações e outros rituais em prol da realização da festa. Nele existe uma lógica própria do ser congadeiro; isto é, uma forma especial de viver, pensar e agir, que insere os entes falecidos no mundo dos vivos.

Entre outros versos, o Catupé do Martins é conhecido pelo

“Carreiro, carreiro
Como chamava o meu povo,
Meu povo chamava saudade,
saudade dos que já se foram.”

Assim, reafirmam suas memórias e reconstróem valores de seus antepassados, criam e recriam suas identidades e, de múltiplas formas, dramatizam seus projetos¹². Ao reviverem o passado no presente, contribuem para que esse costume seja um hábito de toda a vida do participante que – desde a barriga da mãe até quando acompanham seus netos e bisnetos – dançam, cantam, tocam suas diferentes tradições e reanimam a identidade comum. Ser um congadeiro, pois, exige uma qualificação cultural, cuja base é o envolvimento com a memória dos ancestrais do terno de que se participa. Os ternos, normalmente, originam-se de uma família consangüínea de ascendência africana, que se torna o núcleo central de algo análogo a um grupo étnico. As memórias familiares, integradas nesse circuito cultural do congado, são relevantes para a constituição coletiva da totalidade do ritual¹³, como forma de assegurar a perpetuação de valores culturais e étnicos dos diferentes povos africanos que, de geração em geração, foram obrigados a se deslocar por vários núcleos urbanos da região.

As relações inter-familiares dessa unidade compõem uma rede de tradições sem fronteiras territoriais que reafirmam o trajeto de migrações, impulsionadas pelo povoamento e desenvolvimento urbano da região do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro. Existem compromissos anuais desses núcleos familiares com as festas de outras localidades que são importantes auxílios da memória comum. O roteiro das festas é uma viagem no tempo, pois desenha um caminho de trânsito também cultural. A rede

¹² Cf. VELHO, Gilberto. Memória, Identidade e Projeto. In: **Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

¹³ Idem. *Ibidem*. p.101.

de reciprocidade formada entre os praticantes das várias cidades, hoje atualiza e constitui as relações culturais que remetem ao fim do período escravocrata em Minas Gerais. No Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, no início do século XIX, foram abertas inúmeras associações de homens de cor por intermédio da Irmandade do Rosário, forma até hoje utilizada, além das associações civis e ONGs.

Ao entender as relações internas entre os membros dos ternos e entre esses e os outros ternos, como também os papéis dos personagens como o rei e os capitães na manifestação; percebe-se que a unidade do reinado do Congo não se restringe a uma estratégia pela sobrevivência dos escravos e ex-escravos na sociedade escravocrata. As relações interpessoais, os comportamentos, a própria organização social e a conversão ao catolicismo são elementos trazidos como patrimônio histórico do reino do Congo da África Central. Nesse sentido, o passado, revivido na celebração, projeta a continuidade de uma maneira de viver, baseada em relações contíguas aos acontecimentos da história da África e da diáspora.

Os relatos de viajantes – sejam descritivos do Congo, sejam do Brasil – são complementares e igualmente necessários para entender as relações entre a manifestação cultural e o passado, através da memória presentificada dos ancestrais; pois clareiam camadas pretéritas essenciais da representação da manifestação cultural do congado. Textos como o do Cardeal Lavigerie¹⁴ sobre seus trabalhos no território africano, que se denominava Congo, em 1888; ou de Jerome Becker e Eugène Goblet d'Alviella¹⁵, também no Congo, em 1846; e também os de Aires Filho¹⁶ e Richard Burton¹⁷ sobre Minas Gerais; são obras que apresentam narrações ritualísticas e cerimônias coletivas que abrem perspectivas para a interpretação das tradições do século XIX presentes no congado hoje.

Por outro lado, alguns estudos sobre o tráfico apresentam as estratégias econômicas do comércio entre os reinos africanos, as colônias nas Américas e os Estados nacionais europeus. As amostragens quantitativas do traslado Atlântico facilitam o rastreamento das áreas geográficas africanas de maior intensidade de comércio com o Novo Mundo. Quando esses dados são entrecruzados com a

¹⁴ LAVIGERIE, Cardinal. **L'esclavage dans le haut Congo**. Bruxelles/Paris: Société anti-esclavagiste/Procure d'Afrique, 1888.

¹⁵ BECKER, Jerome e GOBLET D'ALVIELLA, Eugène. **La vie en Afrique ou Trois ans dans l'Afrique Centrale**. V.I et V.II. Bruxelles/ Paris: Imp. Lith. Ad. Maertens, 1887.

¹⁶ MACHADO FILHO, Aires da Mata. **O Negro e o Garimpo em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1985.

¹⁷ BURTON, Richard. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

documentação de associações religiosas e de ofício, em que se envolviam escravos e libertos, possibilitam a contextualização social, política e econômica da própria manifestação cultural. Ao acompanhar o processo de povoamento do sudoeste de Minas pode-se notar diferentes experiências do tempo passado, vividas em um mesmo tempo, e que, ao invés de dilacerarem-se, entrelaçam-se formando um amálgama de memória que ultrapassa o poder do arbítrio do indivíduo para constituir um poder coletivo, representado numa ordem do tempo própria dos membros da Irmandade do Rosário.

1.2. Referencial Teórico e Objetivo

“...em busca de um lugar sagrado, como na romaria; conduzindo seres simbolicamente sagrados através de espaços profanos, como na procissão; viajando através de lugares com o anúncio de um festejo religioso em algum local, como a folia; fazendo desfilar pelas ruas pessoas revestidas de uma dignidade especial, como no cortejo; levantando símbolos e sentidos de sacralidade à casa do outro, como na visitação; fazendo representar itinerantemente uma memória tida como heróica e/ou religiosa, como no folguedo.”¹⁸

Assim é apresentado o congado de Catalão por Carlos Rodrigues Brandão, autor da primeira obra sobre o congado da região central do Brasil em 1970. Uma expressão complexa, de muitas facetas – tais como o sagrado, a procissão, a folia, o cortejo, a visitação, em que o sujeito histórico é envolvido numa gama de tarefas a serem realizadas, que formalizam responsabilidades e posturas dos praticantes nos seus momentos específicos, como também durante toda a vida – o que acaba por definir marcas de identidade coletiva, espaços de sociabilidade próprios, de certa forma, desvinculados daqueles oferecidos pela sociedade em geral. A observação e análise histórica dessa manifestação hoje e no passado devem ser entendidas dentro desse campo de múltiplos comportamentos que coexistem sincronicamente, no tempo da festa, e anacronicamente, no tempo da memória. Isso significa dizer que nos detalhes da realização do congado existem significados históricos para os costumes, para os personagens da festa, para as organizações sociais que representam experiências de tempos passados.

De outra maneira, Reinhart Koselleck, o autor da obra *Futuro Passado*, explica

¹⁸ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura na Rua**. Campinas: Papyrus, 1989.p.39.

essa possibilidade de experiências de tempo diferentes e simultâneos¹⁹. Ele aponta a multiplicidade de significados como formas diferenciadas dos atores sociais lidarem com o tempo presente em uma mesma temporalidade, ao esclarecer então a coexistência de tempos históricos variados em um mesmo tempo cronológico. O momento presente é composto por várias camadas temporais que agrupam, no tempo histórico, os sentidos políticos e sociais do passado vivido e do futuro esperado²⁰. Por isso, a temporalidade dos conceitos é forjada na relação social, à qual se vinculam e na qual os homens e instituições atuam. Nesse sentido, identifica três maneiras de lidar com o tempo no mundo moderno: o da profecia, o do prognóstico e o da aceleração. Entender o tempo moderno a partir da perspectiva de que o tempo histórico não é mensurável, pois o momento contém em si mesmo a sua própria medida, permite ensaiar a hipótese de que a premissa dessa afirmação possa ser aplicada à compreensão dos vários sentidos de tempo presentes em um objeto de estudo como, por exemplo, o congado. Assim, possibilita enxergar nos estratos temporais presentificados no congado a expressão simultânea de muitos tempos históricos e, na complexidade de seus elementos essenciais, a unidade da manifestação.

O sentimento de pertencimento ao reinado do Congo se legitima como referencial da comunidade porque abre e articula um amplo espectro de temporalidades, que possibilita a distinção entre o nós e o eles. Ou seja, cria-se um estado de identificação grupal que foge do controle da ação do indivíduo e essa comunidade se afirma através de um regime de historicidade que possibilita que todas as temporalidades da tradição se articulem entre si e com o tempo da sociedade mais ampla. Essa força quase inexplicável, que rasga o cotidiano como um vetor, e que tem seu ponto de partida nas experiências do passado e o horizonte na expectativa do futuro, é tratada por François Hartog, historiador dos conceitos, como a ordem do tempo²¹. Uma ordem do tempo que se articula com outras e que, ao mesmo tempo, é fiel às suas experiências pretéritas.

Se cada momento histórico pode conter em si vários tempos, ao analisar a festa do congado, é possível desfragmentar o tempo e entender a constituição das várias temporalidades expressas naquela manifestação cultural. Os atributos da tradição fazem

¹⁹ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Para una semántica de los tiempos históricos. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993.p.14.

²⁰ Idem. Ibidem. p.16.

²¹ HARTOG, François. **Regime d’Historicité**. Présentisme et expérience du temps.Paris: Seuil, 2003. La librairie du XXI^e siècle.

parte de uma memória constituída e composta coreograficamente e cenograficamente a partir desses objetos, tratados por David Lowenthal, historiador da memória cultural, como relíquias²². À primeira vista são objetos estáticos e mudos, mas o indivíduo lhes confere voz, autenticidade histórica, mutabilidade no momento da prática ritualística. É o olhar do indivíduo que toca o pretérito, através do objeto, que reedita a memória e o insere no coletivo. Assim, a memória é mais uma prática do que uma cognição, o que torna as diferentes marcas de identidade dos grupos de congados expressões de temporalidades das diversas experiências pretéritas, articuladas por meio de uma prática cultural.

Segundo Gilberto Velho, antropólogo especialista em antropologia urbana e sociedades complexas, a memória, a identidade e o projeto são orgânica e necessariamente articulados, constituem-se em referências de tempos diferentes e co-existentes e assumem significados de valor equivalente na vida de indivíduos e coletividades. A identidade de alguém ou de algum grupo responde e atualiza a memória e, de alguma forma ou de formas variadas, se projeta como futuro. *O projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade*²³. Essa, por sua vez, só se articula num ambiente onde o outro se encontra com o semelhante e com o diferente, ou seja, no universo de trocas, conflito e tensão de valores coletivos.

Nessa perspectiva, é possível identificar um efeito de ação projetiva intimamente relacionado com as expressões de identidade dos membros das Irmandades do Rosário e inseparável da memória do reino do Congo. Acrescenta-se, assim, à análise dos tempos históricos da diáspora africana impressos nas práticas culturais do congado, as ações individuais estratégicas para a construção de um projeto coletivo, o que possibilita demarcar uma dimensão política, mesmo que cotidiana, nas práticas culturais do congado. A construção e manutenção da tradição independem relativamente do território concreto de assentamento, pois os grupos criam a partir de suas memórias, mesmo que descontínuas, um lugar de pertencimento que definirá sua identidade, sua memória e seu projeto ainda que no meio de tensões e conflitos próprios dessa articulação.

²² LOWENTHAL, David. How we Know the Past. In: Idem. **The Past is a Foreign Country**. New York: Cambridge University Press, 1986. p.243.

²³ VELHO, Gilberto., op.cit.,p.100-101.

Na perspectiva de Fredrik Barth, antropólogo das etnias e dos subúrbios, as distinções de categorias étnicas ou culturais independem da mobilidade das pessoas, implicam em incorporações e em sentimentos de pertencimento coletivo, que, ao longo da vida, mantém suas distinções culturais como espaços territoriais abstratos²⁴. A sistematização de uma formação comunitária que seja composta por elementos culturais distintos aponta a interação entre várias identidades que se descobrem no exercício diário do reconhecimento do outro. *Isso significa que a fronteira étnica – em sua aceção mais extensa – na verdade é livre dos constrangimentos territoriais, é algo ‘portátil’*²⁵. A necessidade da manutenção de elementos simbólicos de um grupo étnico em contato com uma nova circunstância geográfica, histórica, ou provocada pela introdução de um novo grupo na mesma localidade – ou ainda pela retirada de outro – impõe à população uma mobilidade de fronteiras territoriais visíveis através dos comportamentos. As conjunturas são capazes de incorporar ou descartar características elementares de um grupo, ou seja, modificar suas fronteiras culturais em prol da constituição de uma sociabilidade em um nicho ecológico no qual tenham que conviver.

Dessa forma, as sociedades dividem-se em subgrupos conforme as diferentes circunstâncias sociais e ecológicas. O estudo comparativo de vários grupos de uma mesma localidade consegue construir um quadro de variáveis de organização social, como também de representação cultural, que permite entender a formação das etnias. São as interações entre as pessoas dos diferentes grupos que possibilitam a compreensão dos significados culturais que os distinguem. As relações evidenciam ou diluem as fronteiras culturais entre os grupos que nem sempre se agrupam por um ou outro elemento, tais como semelhança étnica, lingüística, religiosa, vontade própria ou proximidade geográfica; mas por situações históricas vivenciadas, que irão dar movimento aos arranjos desses elementos²⁶. Todas as variáveis podem atuar de forma mais ou menos intensa quando particularizadas as comunidades.

Assim, a célula básica que faz com que os indivíduos se reconheçam como membros de um grupo não é definida, necessariamente, a partir de um território ocupado ou de uma ascendência consangüínea, mas sim de uma etnia ou de uma cultura, a depender da complexidade e da intencionalidade das relações entre os membros. A flexibilidade que os elementos culturais têm para se adaptar às necessidades construídas

²⁴ BARTH, Fredrick., op.cit., p.12 e 37.

²⁵ Idem. Ibidem. p.11.

²⁶ Idem. Ibidem. p.21.

na convivência é o que torna possível o estudo das relações inter-grupais de diferentes origens africanas na sociedade congadeira escravocrata mineira. A maneira como se agruparam, escolheram seus símbolos, afirmaram suas visões de mundo remete ao processo de povoamento da região, às circunstâncias em que chegaram aos locais e se estabeleceram. A análise desses processos permite entender as circunstâncias em que os grupos de migrantes elegeram tempos históricos determinados como referências para elementos simbólicos identitários. Assim, essas diferenças compõem o cenário religioso e festivo do congado e marcam as distinções dos grupos moçambiques, catupés, marinheiros, marujos e vilões. As identidades culturais do congado consolidam, principalmente, nas denominações moçambiques e congos, arranjos grupais constituídos em diversas situações histórias da África, que carregam em si e em suas expressões referências destas regiões.

O antigo reino do Congo deu, às variadas expressões culturais africanas no Brasil, o caráter de um sistema único, organizado no reinado do Congo, que era composto por várias tradições tratadas, aqui, como diferentes nações, análogas àquelas entendidas como nações primitivas pelos estudos sobre as nações modernas. Anthony Smith²⁷, especialista contemporâneo no tema das nações modernas, entende os conceitos de nação primitiva e moderna como dicotômicos e excludentes dos meandros dos processos de cada sociedade na construção de sua nação. Afirma que certos acontecimentos geram profundas mudanças no conteúdo cultural da comunidade – o exílio, a guerra, o tráfico Atlântico, a conversão religiosa, a conquista, a derrota, a absorção de um povo pelo outro, a escravidão - e, portanto, reafirma a importância dos contextos históricos e das relações sociais para a formação da identidade de um povo, seja ela em bases territoriais, religiosas, cívicas, étnicas, ou políticas²⁸.

A dimensão política das Irmandades do Rosário e, nelas, do congado, no cenário de estruturação e consolidação da sociedade imperial brasileira, passa pela discussão sobre a construção do povo brasileiro, sua identidade e sua origem. No século XIX, a ideia de nação brasileira ganha contornos específicos, e, simultaneamente é confrontada com a freqüente referência às nações africanas no Brasil. O conceito de nação brasileira e a utilização da lexia *nações* para apontar indivíduos de origem africana, no Império do Brasil, respondem a conteúdos absolutamente distintos, mas, em ambos os casos, a referência à noção de identidade é chave para a compreensão dos diversos usos da

²⁷ SMITH, Anthony., op.cit.

²⁸ Idem. Ibidem. p.3.

palavra *nação*. De um lado, a nação brasileira, conformada por aquelas pessoas que, porque livres são cidadãos, que vêem os homens e mulheres aos que denomina, por vezes, como *de nação* africana como os *outros*, ou seja, uma categoria não cidadãos. Esses *outros* não constituem o povo brasileiro, mas são necessários e mesmo essenciais aos interesses da economia e da sociedade do Brasil.

Como Smith explica, o conceito de nação não é congruente com o de Estado, no entanto é nesse período que intelectuais e militantes procuraram construir suas nações baseadas em um governo civil. As nações já existiam como unidade étnica, religiosa, lingüística, e isso significa que seus membros eram organicamente interligados. Essa idéia primitivista de nação, na qual a mesma origem, a identidade étnica e a história comum são os padrões, não podia ser valorizada nas circunstâncias brasileiras, ou, ao menos, não poderia sê-lo para todas as etnias, línguas, origem e história comuns dos diferentes grupos que formavam a população brasileira. As questões nacionais foram projetadas conforme parâmetros voluntaristas, de união através do desejo expresso de estar sob as ordens do mesmo governo²⁹, e conforme parâmetros pertinentes ao colonizador, sua cultura, língua e história. Assim, a nação brasileira do século XIX deve mais a esperanças e projeções de um futuro baseado em contratos políticos inter-regionais e laços de etnicidade forjados do que a memórias compartilhadas por uma antiga nação orgânica³⁰. As elites regionais entendiam que a invenção da nação era um bom argumento de ordenação e controle da diversidade étnica e variedade cultural que compunham a população do país. O projeto *Saquarema de Brasil* ignorou as experiências históricas regionais como possibilidade de gestão do Estado e quaisquer desejos desses quadros de serem governos autônomos, como também foi indiferente aos anseios das diferentes organizações populares, religiosas ou não, presentes no interior dessa sociedade, em dar suas contribuições a esse povo brasileiro em formação³¹.

O reinado do Congo foi compreendido como uma festa de escravos e ex-escravos, mas, principalmente, de homens de nações africanas (nações orgânicas, no sentido proposto por Smith) e seus descendentes. Sua linguagem, mito de origem, religião e costumes comuns assumem o papel de termômetros para a verificação da configuração da unidade dos grupos de nações em relação ao povo da nação brasileira. Esse

²⁹ Id.p.10

³⁰ DOYLE, Don H. e PAMPLONA, Marco Antônio. O nacionalismo no novo mundo. In: DOYLE, Don H. e PAMPLONA, Marco Antônio (orgs.). **Nação e Nacionalismo no Novo Mundo**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2007.

³¹ Cf. MATTOS, Ilmar Rohloff. Construtores e Herdeiros: a trama dos interesses na construção da unidade política. In: **Almanack Brasiliense** nº 01. São Paulo: USP, (maio) 2005.

enquadramento limita a compreensão da associação de homens negros, pois a união entre os membros se dá de forma orgânica, e não voluntária, quando, na verdade, esses homens de nação africana não tinham uma mesma identidade e se associaram por questões políticas impostas pela situação em que viviam. Os praticantes do congado viviam um tempo estigmatizado pela memória do navio negreiro e conseqüentemente a necessidade de pertencer a uma experiência comum inventada, que pudesse lhes dar uma representação social na nação imperial. Mesmo que marginal, ignorado e subordinado, existiu um reinado do Congo, constituído por várias nações africanas no Império do Brasil.

Na perspectiva da história social da cultura, esta pesquisa tem como horizonte de sentido contribuir para a desconstrução do lugar apolítico, estigmatizado pelo preconceito atribuído à cultura de matrizes africanas no Brasil. Ao aprofundar o conhecimento do congado no sudoeste de Minas, a pesquisa pretende sublinhar que nessa expressão identitária existe uma dimensão política baseada na cosmologia de vida dos ancestrais desses praticantes. Assim, procura-se compreender o papel dos praticantes do congado no sudoeste de Minas Gerais, no século XIX, e desse coletivo no contexto das recriações culturais dos africanos, principalmente dos centro-africanos, no Brasil.

Pensar a organização social dos associados das Irmandades do Rosário como um espaço de negociação e ordenação de escravos e ex-escravos com o Estado Imperial, que, em princípio, os excluía do diálogo não só político, mas também social – já que a escravidão os expropriava de seu próprio corpo e os reduzia à condição de coisas – é investigar as formas de liberdade possíveis que se davam nas relações entre os membros das Irmandades negras, a Igreja Católica e a sociedade mais ampla. Assim, buscou-se, nos registros eclesiásticos tanto das irmandades, como nos documentos batismais e matrimoniais, as pistas das histórias de vida dos congadeiros da região. A interpretação do processo de construção cultural do congado e de sua relação com o processo de povoamento da região, longe de simplificar os movimentos migratórios e o desenvolvimento urbano da região, mostra as diferentes linhagens de ternos de congado de Uberlândia, a partir de referências espaciais importantes para a memória dos congadeiros, como locais de muita presença escrava e resistência cultural, principalmente, pela persistência dos costumes e comportamentos no fazer do dia-a-dia dos seus avôs e bisavôs. As irmandades do Rosário das respectivas vilas e povoados e das instâncias de governo civil e eclesiástico da província possibilitam entrar em contato

com a história das relações de poder entre escravos e senhores do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, antiga região do Quilombo de Campo Grande, destruído no século XVIII.

Assim, a tese pretende esclarecer a prática do congado, no período de povoamento da região, como um lugar de negociação possível com a sociedade imperial e suas instâncias políticas e religiosas. Uma das mais importantes pistas a ser seguida para desenhar as redes de relações e contextos variados em que os sujeitos históricos atuam é, exatamente, a carga de conhecimentos, de informação e de saberes ancestrais que os agentes sociais detêm e como esse *capital imaterial*³² é utilizado. É entender a expressão cultural, revestida, portanto, de uma dimensão política, mas também simbólica.

As histórias de vida e as sagas familiares – além de permitirem o acesso às narrativas passadas de pais para filhos por gerações e ampliarem a perspectiva de análise do pesquisador, ao contrapor as narrações pessoais aos contextos históricos encontrados nos documentos eclesiásticos – contextualizam e, portanto, dão sentido a um segundo objetivo da tese: o de investigação dos objetos rituais que expressam as diversidades africanas na identidade do congadeiro. Os detalhes do ritual e seus significados, os sentimentos revividos nas relíquias que representam as situações históricas passadas por seus ancestrais, ou seja, as tradições; tudo isso traz desafios e informações preciosas para um olhar histórico capaz de interpretar os detalhes como pistas relevantes para esse fragmento da história do Brasil³³.

Nesse sentido, é necessário esclarecer que ao partir da análise detalhada da história local é possível visualizar a história dos grandes processos. A história do congado do sudoeste mineiro reafirma a existência de processos, tal qual a diáspora africana, porém por meio de outra abordagem, uma vez que pode permitir a descoberta de outros sentidos nas hierarquias, nas desigualdades sociais e na identificação de formas de negociação possíveis, de circularidades, de apropriações. A visão da sociedade, vista por este ângulo, evidencia e valoriza as ações individuais ou de pequenos grupos na história, sem ignorar a importância das estruturas. Segundo Jacques Revel, historiador das escalas temáticas:

“O projeto é fazer aparecer, por de trás da tendência geral mais visível, as estratégias sociais desenvolvidas pelos diferentes

³² LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

³³ Cf. GUINZBURG, Carlo. **Mitos Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

atores em função de sua posição e de seus recursos respectivos, individuais, familiares, de grupo, etc.”³⁴

Escrever história a partir de ocorrências locais e comportamentos familiares pode ser um caminho para entender os processos que abrangem a sociedade mais ampla, através de quantidades e qualidades de inferências marcadas na carga das experiências de vida de cada um e que compõem o todo. Giovanni Levi, autor da obra *Heranças Imateriais*, sobre uma comunidade rural de Piemonte e Santena, mostra como é interessante examinar o íntimo das redes sociais e as estratégias familiares relacionando-as para entender as diferentes realidades que se colocam diante de grandes processos históricos³⁵.

O olhar microscópico para as configurações distintas nas relações entre escravos, congadeiros, Igreja e proprietários, pode alcançar perspectivas do processo de transformação das relações escravistas que não alcançaria um olhar macroscópico para a sociedade mineira no período de fim do tráfico negreiro. Ou como prefere explicar Revel: *...mesmo que seu rastro seja recuperado por intermédio de uma poeira de acontecimentos minúsculos. [é dessa forma que] precisamente [delineia-se] uma outra configuração das relações entre o forte e o fraco*³⁶. Portanto, a metodologia da escrita da história, a partir da micro-história, também se remete ao processo histórico, mas através de outro olhar. O foco no local e o estudo de uma comunidade bem determinada, no caso, aquela dos congadeiros do sudoeste mineiro, não significa, necessariamente, um estreitamento do horizonte de trabalho do historiador, mas, muito pelo contrário, o seu alargamento.

Assim, o contato com as experiências e heranças imateriais dos membros das Irmandades do Rosário da região abriu um campo de pesquisa sobre o patrimônio cultural centro-africano. Entendeu-se um espectro de manifestações e objetos etnográficos da África Central como chave para a construção da identidade do reinado do Congo e, portanto, essa unidade como força centralizadora das diferentes memórias africanas, expressas nas relíquias da tradição.

³⁴ REVEL, Jacques (org.) **Jogos de Escalas: a experiência da Micro Análise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.22.

³⁵ LEVI, Giovanni., op.cit.

³⁶ REVEL, Jacques., op.cit., p.31.

1.3. Quando o objeto é sujeito

Era abril de 2008. Foi o último trabalho de campo que fiz antes de me concentrar apenas na escrita da tese. Eu, sentada num banco comprido antigo de madeira maciça, daqueles com braços e encostos, que com certeza serve para alimentar os dois gatos e os dois cachorros da casa, pois os vasilhames e restos de comida dividiam o assento comigo, buscava um sinal de que aquelas imagens da África Central faziam sentido para os congadeiros.

O capitão Custódio havia me contado várias histórias e repetiu o mito da Senhora do Rosário, andando de fasto, como no ritual do moçambiqueiro, enquanto era interrompido pelo genro, que dizia que a Senhora do Rosário na verdade era Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, frase que confirmava o segredo que o capitão Enildo havia me revelado alguns dias antes.

Por vezes, ao contrário, era o capitão quem interrompia sua filha que namorava a imagem do tocador de tambor de Cuba. Sentada ao meu lado, ela ria a cada comentário meu. Não podia acreditar que eu investigasse aqueles segredos, ficava encabulada para responder e até mesmo indagou-me sobre a minha espiritualidade.

O capitão não se importava com a timidez da filha e com o atrevimento do genro, e se limitava a dizer o que, para ele, era a verdade:

- Escuta, quer saber a verdade, é que esses negros [de Cuba] são de antes do tempo dos capitães, de antes da Senhora do Rosário³⁷.

Tudo parecia encaixar. Era perfeito como existiam elementos do ritual que não deixavam dúvidas sobre a barganha da liberdade e do *status* que a Nossa Senhora do Rosário representa para os africanos e seus descendentes, no passado e no presente, como também sobre a existência de um tempo não cronológico, mas com marcas de distinção e, portanto, de semelhanças para cada momento histórico que faz da África a terra mãe daquelas pessoas.

No entanto, eu ainda procurava algum significado para aquela história do fim da maldição do crocodilo, que tornou o rei Mbopey o senhor do seu tempo para os congadeiros. Sr. Custódio havia se sentado novamente ao lado de sua esposa, madrinha do terno. Mais uma vez durante esse período de trabalho de campo, comecei a contar a história. Entre seus olhos e a minha história tinha uma mesa. O dono dos olhos, do outro lado da mesa bem à frente da minha boca, com os braços cruzados, enquanto sorria de

³⁷ RIBEIRO, Custódio e Maria Aparecida Danta. Entrevista concedida a Larissa Oliveira Gabarra. Uberlândia/MG, 05/05/2008.

cabeça baixa, disse: - *É isso mesmo, é assim mesmo*. Essa foi a frase mais reveladora que eu poderia ter ouvido. Ela era tão simples quanto o capitão, ela era tão curta quanto suas pernas envelhecidas pela vida de constantes negociações. Ela só tinha significado naquele contexto de memórias estimuladas, numa sala mineira, onde a cozinha sem reboco e o quintal se misturam com o cheiro do café passado na hora e do galinheiro coberto de folhas secas do cerrado.

O sorriso e o olhar diziam mais que a frase: - *É isso mesmo, é assim mesmo*. Assim como outros capitães que ouviram a mesma história e expressaram olhares de aprovação, o Senhor Custódio verbalizou a identificação e, como se falasse para dentro, cantou: - *Passei na ponte, a ponte tremeu...* e se calou, como que tomando consciência do que estava revelando. Eu, que convivi com a imagem daqueles bacubas até saber de cor algumas de suas histórias, também conhecia os dois últimos versos do ponto: - *De baixo da ponte, jacaré gemeu*. Não se passaram segundos e o assunto do congado tomou outros rumos.

Para mim e para aquele preto velho a distância entre o meu assento e o dele não existia, o infinito se abriu entre a minha boca e o olhar dele; a mesa desapareceu como se as memórias tivessem transformado a madeira dura em uma ponte por onde os ancestrais puderam atravessar o oceano para saudar aquele encontro. África e Brasil, ou melhor, os bacubas e os congadeiros, por aqueles segundos, atualizaram suas especificidades culturais.

E eu, já satisfeita, pude me divertir com outras histórias. Era hora de ir embora. Era a última entrevista com os congadeiros. Tomei coragem e pedi uma muda da planta que estava na entrada da casa. Era aquela planta que o tempo me fez esperar duas semanas para encontrá-la. Ela se chama Cida, é o nome da madrinha do terno do capitão Custódio, terno de Congo Cruzeiro do Sul, localizado no bairro Dom Almir, na cidade de Uberlândia.

Observar, participar, apresentar e trocar impressões sobre outras informações complementares à manifestação cultural transformaram o objeto de pesquisa, o congado, em pessoas praticantes do congado, pois, como sujeitos, passaram a dialogar com a pesquisa e também com o próprio objeto. Assim, essa tese, pode-se dizer, é o resultado da contribuição dos congadeiros, principalmente de Uberlândia; das pesquisas nos arquivos eclesiais e do Museu Real da África Central; e das discussões sobre história do congado com alguns colegas de pesquisa de campo.

1.4. Memória escrita por várias mãos

A descrição acima é do último trabalho de campo realizado para recolhimento de entrevistas orais para compor o *corpus* documental da tese, em abril e maio de 2008. Ela é emblemática por vários motivos; entre eles, um soa como uma cena romântica, no sentido das descrições dos primeiros intelectuais, dos fins do século XIX e início do XX, que acreditavam serem as manifestações populares resquícios de um tempo perdido que logo desapareceriam em contato com o tempo atual.

Essa imagem folclórica é sugerida pela própria descrição. Uma moradia de aparência rural, no subúrbio de uma cidade de 600 mil habitantes, de pessoas possuidoras de um conhecimento desvalorizado pela sociedade em geral; e, conseqüentemente, inseridas na redoma invisível do lugar estigmatizado de preconceitos em relação aos costumes do negro no Brasil. Mas que, no entanto, participam de um coletivo que não se exclui dos debates políticos e religiosos e que não se intimidaram com o lugar do saber intelectual, no momento em que entraram na sala de aula da Escola Municipal Dom Almir, para falarem do congado. O Sr. Custódio e sua família não podem ser enquadrados como praticantes de uma manifestação fadada a desaparecer, pois, como atores sociais que participam de outros espaços coletivos, estabelecem relações sociais amplas que os integram à sociedade contemporânea.

Para além da análise do historiador sobre a cena, é importante apreciar o resultado da construção da pesquisa de campo participativa. É possível verificar o entrosamento entre o congadeiro e o pesquisador, ambos se encontram com o intuito de entender a construção da história do congado no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, a partir das referências africanas. Ao mesmo tempo que analisam as imagens etnográficas do Congo, contam histórias sobre o congado em Minas, lembram-se da narração do mito de Nossa Senhora e, principalmente, procuram encontrar nas suas referências pessoais o sentido daquela África apresentada nas imagens para a África que lhes é comum. Essa África mãe, África ancestral, viva nos rituais no Brasil, é de certa forma complementada, modificada, descaracterizada e reconstruída quando se processa o contato com outra África, como disse o Sr. Custódio, *de antes do tempo dos capitães*, mesmo que cronologicamente não o sejam. Esse momento é o de construção a muitas mãos da memória do congado. Essa troca de sentidos só foi possível porque não ocorreu como um *évènement*, no sentido da história dos acontecimentos, fez parte do processo

da pesquisa. Tanto a memória como a história são constituídas enquanto um processo³⁸ e, nesse caso, foram construídas em grande parte durante a pesquisa.

O entrelaçamento do congado e dos aspectos culturais da África Central foi possível com base na História Oral³⁹ e na Antropologia Visual⁴⁰, que, como metodologia de pesquisa, tornaram-se instrumentos para o registro dessas duas maneiras de apreender o passado (memória e história). Esses instrumentos ajudam a catalisar, junto com outros elementos, como as relíquias, a memória do congadeiro. Segundo David Lowenthal, a experiência do presente, no caso, a pesquisa de campo, perverte a memória, porém, o autor completa: “não existe memória que seja completamente ilusão, mesmo a memória que envolve distorções, ela ainda assim possuiu alguma lembrança”⁴¹. Por isso, o registro oral produzido pela História Oral, ou as imagens adquiridas através da Antropologia Visual são registro repletos de subjetividades, no entanto, tão fiéis ao passado quanto qualquer outro suporte documental.

O primeiro resultado das investigações em que se utilizou dessas metodologias com o congado foi, no fim do ano de 2000, a monografia, intitulada *Congado como fonte de conhecimento para Educação Formal em História* como conclusão do curso de Especialização em Educação Fundamental no Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. O segundo foi, em 2004, a dissertação de mestrado intitulada *A dança da Tradição Congado em Uberlândia, século XX*, apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da mesma Universidade.

A observação e acompanhamento dos tambores tiveram início no início do ano 2000 com o grupo de congado terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, que atua no bairro Martins. Logo a pesquisa foi expandida para as cidades de Ituiutaba, Serra do Salitre, Monte Alegre, Romaria e Araguari, pois quase que imediatamente, ao primeiro contato, descobre-se uma rede de sociabilidade congadeira, constituída entre as cidades da região por dois motivos: as relações de reciprocidade entre capitães de terno, por amizade e afinidade e também por parentesco e ancestralidade. A partir dessa rede de parentesco entre alguns dos capitães, madrinhas e componentes dos ternos de congado e

³⁸ LOWENTHAL, David. , op.cit. p.193.

³⁹ Cf. por exemplo: PORTELLI, Alessandro. Forma e Significado na História Oral. A pesquisa como experimento em igualdade. **Projeto História**. São Paulo: EDUSP, n °14 1981; VANSINE, Jan. **La tradicion Orale**. Barcelona : Nueva Colección Labor, 1968.

⁴⁰ Cf. por exemplo: GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. In: **Cadernos de Antropologia & Imagem** Rio de Janeiro: Ed.UERJ 10 (1): 155-165, 2000.; KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê, 2002.

⁴¹ LOWENTHAK, David., op.cit. p.200.

as cidades natais de seus avós e bisavós foi escolhido o objeto de estudo do doutorado.

Conforme ao objetivo da tese, o primeiro passo a partir de 2004 foi verificar junto com as entrevistas orais, os documentos pessoais que comprovassem que as relações entre capitães, conseqüentemente, as visitas nas cidades se davam a partir de uma relação antiga passada de pais para filhos. Investigou-se a trajetória das famílias dos Matinada, dos Adão Ferreira, dos Inácio, dos Miguel, dos Nascimento; respectivamente dos ternos Catupé do Martins, Catupé Dona Zumira, Marinheirão de São Benedito, Moçambique Pena Branca, Congo Camisa Verde e suas cidades de origem, Formiga e Patrocínio, nos distritos de São Benedito, Chapadão, Salitre, Cruzeiro da Fortaleza e a própria Uberlândia, ainda na quando se chamava Uberabinha. Foi nas cidades por eles mencionadas que os vestígios de seus antepassados foram procurados com a proposta de encontrar uma genealogia familiar através da pesquisa nominativa nos livros de batismo, de matrimônio e óbitos dos arquivos das cúrias e paróquias, além dos próprios documentos da Irmandade do Rosário. Porém, muitas lacunas se mantiveram.

A documentação sobre as Irmandades do Rosário tais como ata de fundação, compromisso (estatuto), eleição de reis e rainhas Congo e abertura de cofre, nesses mesmos arquivos, se tornaram importantes provas das heranças das organizações leigas católicas de escravos e ex-escravos dos congadeiros de Uberlândia, mesmo sendo encontradas em outras cidades da região. Para complementar essas informações, procurou-se pistas sobre a organização do congado no século XIX no Arquivo Público Mineiro, onde foram encontradas notícias de regulamentos de festas e Irmandades nas atas e ofícios da Assembléia Legislativa da Província de Minas Gerais para as Comarcas referentes àquelas vilas, Paracatu e Rio das Mortes. Assim, constituiu-se o contexto histórico político e religioso dos antepassados dos congadeiros de Uberlândia entrevistados, ou seja, dos escravos e ex-escravos – africanos e crioulos – do sudoeste de Minas Gerais.

A trajetória familiar é carregada de uma trajetória ritual, em que os indivíduos estão ligados uns aos outros também por funções que ocupam na celebração do reinado do Rosário e na manutenção das tradições que assumem. Ao averiguar nas descrições dos viajantes e folcloristas os traços das práticas ritualísticas semelhantes às atuais, acentuou-se a busca não apenas pela genealogia familiar e o contexto histórico em que se constituíram as diferentes nações – ternos – do congado da região, mas também pelas influências culturais centro africanas expressas na diversidade da manifestação cultural.

Então, na segunda etapa das entrevistas, foram trazidas as informações dos documentos oficiais sobre as Irmandades do Rosário da região e propôs-se a investigação de algumas relíquias – artefatos rituais - utilizadas no ritual. Perguntava-se quais os objetos de importância simbólica para o congado, ou seja, aqueles que tivessem função prática ou espiritual para o ritual, e procurava-se registrar as narrações de situações passadas referentes aos objetos que eles indicavam. Essas entrevistas permitiram aguçar o olhar do historiador para a coreografia e cenografia da festa, ao mesmo tempo que, deram aos pequenos detalhes do ritual uma dimensão histórica marcada pelas identidades neles projetadas. Assim, foi possível em contato com os objetos e danças etnográficas centro-africanas, escolher as imagens que mais se aproximavam das referências do congado de Minas Gerais, quando em contato com o acervo etnográfico do Museu Real da África Central em Tervuren, na Bélgica.

Os momentos vividos nas feijoadas com samba, nos *quartéis dos ternos*, para arrecadar fundos para o festejo, nas festas de santos nos centros de umbanda, no dia-a-dia da COAFRO (Coordenadoria Afro da Secretaria da Cultura da prefeitura de Uberlândia), na produção de eventos culturais relacionados com a cultura afro e nos vários encontros casuais criou-se uma linguagem pesquisador e sujeito – objeto – em comum. A participação constante na vida extra-congado dos congadeiros propiciou a apropriação do pesquisador da própria linguagem do congado e do congadeiro das necessidades próprias da pesquisa acadêmica. Assim, quando do último trabalho de campo, momento em que se ampliaram os números de entrevistados, os praticantes que não conheciam o entrevistador, passaram logo a confiar nele, pois a linguagem utilizada na entrevista era comum aos dois lados (pesquisador e sujeito – objeto – da pesquisa). Na terceira etapa, quando foi mostrado as imagens dos mesmos tipos de objetos utilizados no congado, que provinham de grupos e manifestações culturais da África Central, principalmente oriundos dos povos da República Democrática do Congo, e foi contado algumas narrações conhecidas sobre as imagens que eram mostradas, deram-se, assim, diversos encontros, tal qual a descrição da entrevista com a família do Sr. Custódio.

Entre as fontes históricas trazidas para o processo de coleta de testemunhos, as imagens provenientes da África Central e fotografadas no Museu Real da África Central atuaram como uma enzima capaz de dinamizar a maneira como a memória do congado foi sendo posta em evidência. Os congadeiros recolocavam no contexto da festividade os objetos do ritual e aqueles similares, centro-africanos, que passavam a ser

impregnados de memória. Portanto, identificavam diferenças e semelhanças culturais entre o congado do sudoeste de Minas Gerais e as expressões artísticas centro-africanas e construía-se um arcabouço de informação sobre a história do ritual e seus praticantes, como também da diáspora africana.

Nesse sentido, este estudo se fez através de uma dinâmica retro-alimentada pela relação entre pesquisador e sujeito da pesquisa. O congadeiro é alimentado pelo material iconográfico do pesquisador, suas memórias associam-se a este material e essas memórias relacionam-se assim com as tradições dos seus pais, avós e bisavós. Os nomes próprios das certidões de nascimento ou casamento, a naturalidade e a paternidade de cada congadeiro alimentam o pesquisador para seu trabalho nos arquivos eclesiásticos das cidades da região; como também as relíquias do congado levam às escolhas das peças centro-africanas que foram apresentadas aos congadeiros no contexto da coleta de documentação oral para a pesquisa. Até o encontro com a família do Sr.Custódio foram várias as idas e vindas entre o Rio de Janeiro e Uberlândia, entre Uberlândia e as outras cidades da região; entre o Rio e Tervuren, na Bélgica, para pesquisa no Museu Real da África Central, e de volta para Uberlândia, e Belo Horizonte; além de encontros no Rio de Janeiro com congolezes para falar sobre o congado e sobre a África Central.

Isso significa dizer que é singular a participação do praticante de congado no desenvolvimento do estudo, pois ela não foi apenas o instrumento pelo qual recolheu-se um determinado tipo de documentação histórica, mas também representou o meio pelo qual descobriu-se a direção e delimitação do objeto de pesquisa e a localização das fontes escritas e iconográficas. Por outro lado, a trajetória da pesquisa fez com que os momentos de entrevistas se tornassem parte do processo de construção do próprio objeto, à medida que as fontes iconográficas, as diversas narrativas e os documentos escritos desconhecidos eram trazidos para a experiência da troca e, portanto, acrescentavam informações ao arsenal da memória do congadeiro, cuja expressão oral, através das entrevistas, compunha o *corpus* documental da pesquisa.

Confrontos e encontros de identidades centro-africana, congoleza, brasileira e mineira foram experimentados a partir das metodologias da História Oral e da Antropologia Visual. Os diálogos ricos e a convivência, de longa data, permitiram relativizar valores pré-estabelecidos. As dúvidas, o estranhamento, o não familiar foram sempre bem-vindos, pois as aparentes contradições trouxeram elementos que deram possibilidade a uma melhor compreensão da tradição. O conhecimento do passado sobre

os africanos e seus descendentes no Brasil no século XIX e a maneira como eles se relacionavam com a sociedade mais ampla e com suas próprias idiossincrasias foi dado pelo processo de reconstrução da memória sobre a África – matriz das manifestações culturais, praticadas por eles. Além do entrosamento entre pesquisador e sujeito – objeto, o que marca a metodologia dessa pesquisa é, através da escala da história local, a análise dos macro processos. Assim, há a constatação de que uma família simples de congadeiro de uma cidade do interior de Minas Gerais pode trazer pistas de compreensão da história da diáspora africana.

Nesse sentido, as referências teóricas desse estudo dão suporte para uma leitura que procura ser mais próxima da visão de mundo do sujeito que pretende estudar, visto que “cumpra aprofundar nas diferenças para que o procedimento comparativo ganhe sentido”⁴² para a história dos grupos do congado e da relação entre eles e deles com a sociedade mais ampla. A partir das recordações eleitas pelos sujeitos que, no presente, delas utilizam-se para afirmar o futuro, é possível entender as relações sociais da comunidade, tendo como referência as próprias metáforas e alegorias existentes no reinado do Congo. A investigação da história do congado no sudoeste de Minas Gerais, e a valorização da dimensão política presente nessa manifestação de cultura negra, procura um olhar que privilegie o território da memória e sua relação com a história, território esse no qual passado, presente e futuro não obedecem necessariamente às leis do tempo cronológico, o futuro está enraizado no passado onde a identidade e o projeto aprofundam suas raízes. Interpretar, compreender, ler os documentos históricos sem pré-conceitos nem as dicotomias é procurar definir uma identidade ofuscada pela marca de quem nasceu em um lugar social determinado, e que responde aos anseios da própria identidade brasileira.

A tese foi dividida em seis capítulos. O primeiro, de caráter introdutório, é a apresentação do objeto de estudo, o congado, patrimônio cultural brasileiro, e introduz o referencial teórico e metodológico. O segundo capítulo, intitulado *Unidade da Diversidade*, discute a bibliografia que permite melhor localizar o estudo do congado no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Trata de alguns trabalhos sobre festas populares, irmandades leigas, quilombos e família escrava analisados pelo viés da sociabilidade e dos paradigmas teóricos que esses trabalhos representam ao longo do século XX no

⁴² NEVES, Margarida de Souza. As artes da memória: a modo pós-scriptum. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). **Refúgios do Eu**. Educação, História, Escrita Autobiográfica. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000. p.233- 234.

Brasil e entre os africanistas.

A partir dessa aproximação à bibliografia que se constituiu como ponto de partida do trabalho, a tese se divide em duas partes, a primeira intitulada *Unidade: O Reinado do Congo* compõe-se de dois capítulos: o terceiro capítulo, *Nação Brasileira e nações africanas*; e o quarto capítulo, *O Passado de um destino comum*. A segunda parte *Diversidade: Moçambiques e Congos nas Gerais* também se divide em dois capítulos: o quinto capítulo, *Registros de liberdade em uma sociedade escravocrata* e o sexto capítulo, *Relíquias da memória do congado*. Essa divisão busca dialogar com a escala da micro história, representada pela história local e com a escala da macro história, representada pela história do Brasil e da diáspora africana.